O CURRÍCULO E A INTERDISCIPLINARIDADE

Jéssica Muniz Braga
Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES)
jessicalinkamuniz@gmail.com

Mariângela Camba
Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES)
mariangela.camba@unimes.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre as práticas interdisciplinares imbuídas no currículo. Considerando o atípico contexto vivenciado em função do isolamento social, tornou-se ainda mais relevante que os docentes buscassem novos mecanismos e estratégias voltadas para as diversas linguagens, abrangendo os diferentes cenários que se estabelecem na conjuntura pedagógica social, atualmente. Os fomentos para a readequação curricular e efetiva aplicação devem considerar a diversidade das comunidades locais, e suas configurações “traçam” os caminhos a serem percorridos na intencionalidade de assistir às redes de ensino, frente às adversidades impostas globalmente para todas as nações. A contextualização para a ruptura de paradigmas emerge inúmeras retomadas (de ordem ideológica) que fatalmente implicam em cernes políticos, sociais e morais desse docente que se encontra, muitas vezes, desnordeado, em busca de acolhimento de suas angústias e das concepções pedagógicas que embasam suas convicções para a construção de um currículo articulado pela interdisciplinaridade em concretude.

A INTERDISCIPLINARIDADE NO CURRÍCULO

A interdisciplinaridade se constitui com dinâmicas dentro dos processos de “ensino x aprendizagem”, nas quais as concepções, e consequentes aquisições do saber, consideram todas as subjetividades para que cada um percorra e consiga ampliar suas próprias potencialidades, criando imensuráveis caminhos para o conhecimento.

O currículo carrega ideologias que interferem diretamente nas relações sociais e na manutenção “dominantes x dominados”, consolidando moldes que não são favoráveis para as maiorias.

Giroux (1997) nos remete à seguinte linha reflexiva: existe uma linha tênue nessa perspectiva que muitas vezes impede o docente de argumentar diante das negações; todo esse enfrentamento exige postura sólida em atuar dentro das disposições legais cabíveis, sem deixar de explanar prudentemente as expositivas, fazendo orientações de “pesquisa x reflexão” aos seus educandos sobre o cotidiano, suas experiências e culturas próprias, para combater as alienações instituídas.

Sabemos que nenhuma educação é neutra (FREIRE, 1996), a interdisciplinaridade é um caminho para que, por meio das ações curriculares (didática), tenhamos condições de valorizar a diversidade, contendo a “involução humana”, pois, apesar dos adventos tecnológicos, vivemos retrocessos intelectuais que reforçam as dominações. E é sobre essa reflexão maior, de como a postura docente tem poder para reconfigurar, transformar essa realidade criada, se fazendo como instrumento de mudanças, que temos por cerne. O movimento dos saberes é contínuo, assim como também é constante o arbítrio para tomada de decisões.

FORMAÇÃO DOCENTE E OS NOVOS PARADIGMAS DO CURRÍCULO

Para falarmos de forma sucinta e objetiva sobre a formação docente atrelada ao currículo, das ambiguidades e dos movimentos que circundam os espaços de aprendizagem, vamos referir às palavras de Pérez Gómez (2008, p. 22) sobre a função educativa da escola ao “utilizar o conhecimento, também social e historicamente construído e condicionado, como ferramenta de análise para compreender, para além das aparências superficiais do *status quo* real [...] mediante a atenção e o respeito pela diversidade.”

Outrossim, o currículo deve atender às especificidades do sujeito, de modo a garantir a igualdade que permeia as condições ao acesso socioeducativo, e dentro das individualidades “abranger o conceito de igualdade tanto a que tem sua origem nas classes sociais como a que se cria nos grupos de marginalização, ou nas deficiências físicas ou psicológicas hereditárias ou adquiridas” (PÉREZ GÓMEZ, 2008, p. 24).

As constantes alterações que envolvem a educação, muitas vezes “podam” nuances e elementos importantes para que as interventivas docentes promovam o protagonismo, as descobertas necessárias dentro da chamada perspectiva heurística: “o docente não pode ser um mero técnico que aplica o currículo [...] mas

deve também interpretar a riqueza educativa da vida da aula gerada por suas propostas” (PÉREZ GÓMEZ, 2008, p. 85). Nossos esforços nem sempre trarão o que almejamos, logo, temos que refletir e recriar caminhos sempre, se considerarmos que “a aprendizagem deve ser um processo de depuração, enriquecimento e ampliação da experiência pessoal alimentada pela experiência social” (SACRISTÁN, 2010, pág. 32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O breve estudo sobre a historicidade curricular, as convergências teóricas que denotam toda a complexidade envolta desde a organização até a implementação do currículo, nos permite enumerar pontos de atenção que, embora analisados em referenciais, destoam, na maioria das vezes, das realidades que vivenciamos, tais pontos deflagram possíveis “caminhos”, os quais podemos observar e reorganizar em nossas práticas. Sacristán (2013, p. 10) enfatiza que:

Se por um lado o currículo é uma ponte entre a cultura e a sociedade exteriores às instituições de Educação, por outro ele também é uma ponte entre a cultura dos sujeitos, entre a sociedade de hoje e a do amanhã, entre as possibilidades de conhecer, saber se comunicar e se expressar em contraposição ao isolamento da ignorância.

Apropriar-se da realidade para modificá-la, esta é a verdadeira aprendizagem, pensamento que nos evoca Freire, pois os aspectos “éticos x intelectuais” imbuídos no currículo contribuem ou não para essa transformação; a concentração imposta por bases de competências criam efeitos sociais voláteis, mantendo o foco tecnicista que desvincula a prática do trabalho com o outro; o currículo é um movimento constante, passível de readequações para o combate a hegemonias!

Isso desvela normativas do currículo, sugerindo um diálogo mais horizontal entre os diversos tipos de conhecimentos, incluindo o saber científico; a disseminação entre culturas se confirma na perspectiva do inacabado: “este princípio de incompletude de todos os saberes é a condição prévia dos diálogos e debates epistemológicos entre diferentes conhecimentos.” (SANTOS, 2010, pág. 24).

Colocando em voga a ecologia de saberes, podemos pensar no currículo que efetivamente promova maior equidade, “não se trata de outorgar a mesma validade a todos os tipos de conhecimento, mas de fazer possível um debate pragmático entre

critérios alternativos válidos [...] o impulso que move a ecologia dos saberes está no fato de que as lutas sociais, particularmente no Sul global, tornam visíveis realidades sociais e culturais.” (SANTOS, 2010, pág. 226). Por fim, a escola necessita ter espaço pensado para desenvolver seu planejamento curricular, bem como o docente carece refletir acerca do currículo estabelecido nas instituições.

“Temos formado conformistas incompetentes e precisamos de rebeldes competentes!” (Boaventura Souza Santos).

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, H. Os professores como intelectuais. *In*: GIROUX, H. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOMÉZ, A. I. P. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. *In*: SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GÓMEZ A. L. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas do currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.